

ARTIGO

EDUCAERÊ E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Valorização da negritude e dos valores civilizatórios afro-brasileiros

Alan Cordeiro da Silva¹
Edivone Meire Oliveira²
Cicera Nunes³

Resumo: Eis aqui um relato de experiência acerca do projeto de extensão intitulado “EduCaErê: uma proposta educativa afrorreferenciada de enfrentamento ao racismo e implementação da lei nº 10.639/03 na Educação Infantil”, que tem como objetivo principal valorizar e positivar a negritude e os valores civilizatórios africanos, iniciando em creches e pré-escolas com a implementação da Lei nº 10.639/03. O projeto vem se afetivando a partir de intervenções pedagógicas para as Relações Étnico-Raciais (ERER) no Centro de Educação Infantil (CEI) Ailza Gonçalves Felício, escola da rede pública municipal da cidade do Crato - CE, em parceria com o projeto EduCaErê, que se empenha em propiciar às crianças negras e não negras, já na primeira infância, o acesso a narrativas positivas sobre o continente africano e seus descendentes. Em termos metodológicos, o projeto vem transcorrendo por meio da Pedagogia da Escuta, de Loris Malaguzzi, Edwards, Gandini e Forman (1999) e Carla Rinaldi (2012), bem como mediante a Miolagem, sendo essa última uma tecnologia social utilizada pelo Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC) para potencializar narrativas próprias dos povos negros, quando são valorizadas e incentivadas as histórias da vida numa perspectiva existencial. As ações desenvolvidas têm na literatura infantil afrorreferenciada o caminho para se ter acesso a novas narrativas, evidenciando-se outros imaginários não hegemônicos às crianças da instituição e ainda subsidiando o CEI no trato da temática étnico-racial.
Palavras-chave: EduCaErê, Infâncias, Educação Infantil, ERER, Lei nº10.639/03.

Abstract: *This is an experience report on the extension project entitled “EduCaErê: an Afro-referenced educational proposal to confront racism and implement Law No. 10.639/03 in Early Childhood Education”, whose main objective is to value and positivize blackness and African civilizational values, starting in nurseries and pre-schools with the implementation of Law No.*

¹ Graduando do curso de Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, é professora adjunta do departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA).

³ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é Professora Associada vinculada ao Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História da URCA.

10.639/03. The project has been developing from pedagogical interventions for Ethnic-Racial Relations (ERER) at the Ailza Gonçalves Felício Early Childhood Education Center (CEI), a municipal public school in the city of Crato - CE, in partnership with the EduCaErê project, which strives to give black and non-black children access to positive narratives about the African continent and its descendants, already in early childhood. In methodological terms, the project has been carried out through the Listening Pedagogy, by Loris Malaguzzi, Edwards, Gandini and Forman (1999) and Carla Rinaldi (2012), as well as through Miolagem, the latter being a social technology used by the Cariri Black Appreciation Group (GRUNEC) to enhance the narratives of black people, when life stories are valued and encouraged from an existential perspective. The actions developed use Afro-referenced children's literature as a way of gaining access to new narratives, highlighting other non-hegemonic imaginaries to the children in the institution and also helping the CEI to deal with ethnic-racial issues.

Keywords: EduCaErê, Childhood, Early childhood education, ERER, Law nº10.639/03.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma experiência realizada mediante um projeto de extensão realizado no ano de 2024, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Regional do Cariri (URCA), em parceria com o projeto EduCaErê e o Centro de Educação Infantil Ailza Gonçalves Felício, escola da rede pública municipal de Crato, Ceará.

O projeto intitulado “EduCaErê: uma proposta educativa afrorreferenciada de enfrentamento ao racismo e implementação da lei nº 10.639/03 na Educação Infantil”, teve como proposta desenvolver intervenções pedagógicas no campo da Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER) no CEI - Ailza Gonçalves Felício, com crianças do Infantil V (crianças com cinco anos de idade em média), tendo como ponta de lança as experiências educativas já realizadas pelo projeto EduCaErê na região do Cariri Cearense.

O EduCaErê é um projeto colaborativo itinerante e núcleo do Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC), criado, gestado e coordenado por um jovem negro caririense, graduando em pedagogia pela URCA, professor e educador de crianças pequenas, membro do GRUNEC e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais-NEGRER/Departamento de Educação/URCA, pesquisador, pai, contador de histórias e sonhador/fazedor de caminhos férteis a uma educação africanizada e afetuosa para a primeira infância. O EduCaErê é voltado para o trato das Africanidades e da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) na primeira infância, com finalidade de valorizar os conhecimentos africanos, afro-brasileiros e afro-caririenses, considerando a construção de uma identidade positiva a partir de narrativas construídas pela própria população negra, distanciando-se da ótica eurocêntrica. Quanto ao termo EduCaErê, semanticamente construído, a primeira partícula “Edu”, significa *educação* - compreendida no projeto enquanto instrumento de transformação social, emancipação e empoderamento, a partir de um referencial socialmente, historicamente e culturalmente engajado com a pauta étnico-racial e com o território.

O segundo termo, “Ca”, remete ao Cariri caririense, a essa imensa região, também uma África negra e quilombola, localizada ao Sul do Estado do Ceará, onde o núcleo tem sua semente plantada e traz o “Ca” do nome Cariri, no reconhecimento de um trabalho pedagógico com pés no chão e com o corpo na natureza, de forma territorializada. E por último, “Erê” que em Yorubá significa brincar. Traduz o espírito alegre das crianças, sendo estas o foco dessa ação educativa, reconhecendo-as como público emergente para o cuidado da presente e futuras gerações.

Nessa perspectiva, o projeto de extensão desenvolvido valeu-se da literatura infantil de temática africana e afro-brasileira (Debus, 2017) para contribuir de forma positiva com a valorização da negritude e dos valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil, e com a implementação da Lei nº 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB Nº. 9.394/96, tornando obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo da educação brasileira (Brasil, 2003).

Por conseguinte, caminhamos na direção de positivar as identidades e os sentimentos de pertencimento étnico-racial das crianças, considerando as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes na cultura brasileira; propiciar o acesso a uma literatura infantil que as crianças negras se sintam representadas e se vejam protagonistas; oportunizar a escuta das crianças acerca de sua ancestralidade afro-brasileira, oferecendo tempos e espaços para que possam se constituir uma identidade positiva, reconhecendo o eu, outro e o nós e, fortalecer os elos ancestrais e educação antirracista na primeira infância.

Tivemos por intuito oportunizar às crianças a construção de suas próprias narrativas, referenciando os valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros sistematizados pela professora Azoilda Loretto da Trindade (2010), buscando mediar a relação das crianças com esses valores que constituem a identidade negra brasileira e que circulam pelos movimentos das infâncias. Desse modo, as experiências educativas possibilitadas pelo EduCaErê viabilizaram a constituição de um novo imaginário infantil sobre o continente africano e para a equidade racial.

Para alcançarmos nosso objetivos, ancoramo-nos enquanto referencial teórico-metodológico na Pedagogia da Escuta de Loris Malaguzzi (1999) e Rinaldi (2012) e da Miolagem (a seguir, explicitadas), visto que ambas possibilitam uma aproximação com as crianças no sentido de escutá-las, procurando compreender o que realmente lhes é importante e necessário, e ainda pautadas em concepções de criança como produtora de cultura, protagonista de seu processo da ação educativa.

Ao longo das vivências no EduCaErê, são verificadas ações extensionistas como marca de um projeto que propõe um educar e cuidar africano que, em nossas caminhadas pelas instituições de Educação Infantil, ainda não identificamos como realidade, mesmo após mais de duas décadas de promulgação da Lei nº 10.639/03.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Em 2003, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação da Educação Nacional – LDB, nº 9.394/1996 (Brasil, 1996) foi alterada para a inclusão do Art. 26-A que determina:

“Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”.

Agregue-se a esse artigo os seguintes parágrafos:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de **Literatura** e História Brasileiras (*Negrão nosso*).

A inclusão desse artigo na atual LDB decorreu da Lei 10.639, sancionada no dia 09 de janeiro de 2003, e representa um marco das lutas do movimento negro brasileiro, que, a partir da organização social de pessoas negras, tem construído bases importantes para uma educação nessa perspectiva no país. Antes, em seu Art. 26, parágrafo 4º, nos valíamos apenas da seguinte determinação: “O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia” (Brasil, 1996), o que era insuficiente para uma educação de fato antirracista. Silva, Silva e Chagas (2025, p.10) reiteram esta política como fruto das reivindicações dos movimentos negros que atuam em diversas frentes no enfrentamento do racismo estrutural no Brasil que alcancem mudanças estruturais no Brasil “na educação, saúde, arte/cultura, religião, emprego e renda, e segurança pública”.

Com a Lei 10.639, a história e as culturas africanas e afro-brasileiras tornam-se obrigatórias no currículo oficial da educação brasileira, apartando-se da visão generalista e imprecisa que a antecedeu. Não se trata mais de opção, mas de obrigação dos profissionais da educação e de compromisso com a história da sociedade brasileira, haja vista que o trato da temática é também um reconhecimento da existência de grupos étnico-raciais que constituem e constroem essa sociedade. Assim sendo, foram publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004), que orientam ações docentes para uma educação antirracista, incluindo formação de professores (as), produção de material didático, revisão curricular e reorganização no trabalho pedagógico das escolas.

Busca-se, com as DCNERER:

[...] oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros (Brasil, 2004, p.10).

As ações, para tanto, devem se fundamentar em: políticas de reparações, de reconhecimento e valorização de ações afirmativas; princípio da consciência política e histórica da diversidade; o fortalecimento de identidades e de direitos; ações educativas de combate ao racismo e a discriminações (Brasil, 2004).

No entanto, somos chamados à atenção para a compreensão de que:

[...] não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz européia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e européia (Brasil, 2004, p.17).

Para tanto, impõem-se abordagens educacionais antirracistas, que incluam as populações negras e os povos indígenas, suas histórias e culturas, o que vai ao encontro da Pedagogia da Escuta e da Miolagem. No que diz respeito a compreensão sobre a pedagogia da escuta, idealizada por Loris Malaguzzi, Rinaldi (2012, p.43), nos diz que: “Uma “pedagogia da escuta [...] exemplifica para nós uma ética de um encontro edificado sobre a receptividade e a hospitalidade ao Outro – uma abertura para a diferença do Outro, para a vinda do Outro”.

Todavia, é necessário que a escuta transcenda a sua dimensão física em direção à metafórica se transformando em uma abordagem existencial que leva em conta a vida das pessoas. Escutar, portanto, consiste em reconhecer e valorizar o outro; sendo as crianças as ouvintes mais perspicazes da realidade circundante, porque elas “[...] escutam a vida em todas as suas formas e cores, e escutam os outros”.

Na mesma direção e em intersecção, a Miolagem, que consiste em uma tecnologia social, é uma metodologia pensada e sistematizada originalmente pelas irmãs Verônica Neuma das Neves Carvalho e Valéria Gercina das Neves

Carvalho, e hoje constitui os fazeres do Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC), anunciando uma nova cosmopercepção do termo popular “conversar miolo de pote”, compreendido como ato de jogar conversa fora, ou conversar água. Na cosmovisão das “pretas”, como são conhecidas no Cariri cearense e do GRUNEC, “conversar miolo de pote” é falar sobre a vida, e em especial sobre a vida do povo negro. As pretas são confundadoras do movimento negro organizado do Cariri cearense, fundado em 2001, o Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC), movimento precursor da luta antirracista na região.

As informações que temos da Miolagem se fundem na confluência entre os fazeres do Projeto EduCaErê, as irmãs mais velhas e pelas vivências junto ao Movimento Negro. O projeto parte das informações adquiridas nos projetos, na escuta, nas comunidades, e congressos dos movimentos sociais e acadêmicos, quando Valéria Carvalho e Verônica Carvalho apresentam com entusiasmo sua abordagem e metodologia educacional ancestral. A miolagem reconhece a importância dos valores civilizatórios afro-brasileiros, sistematizados por Trindade (2010), e os imprime nos momentos, tempos e espaços em que ela acontece.

O Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC) tem se alimentado desta concepção para potencializar narrativas próprias da população negra, quando se tem a oportunidade de falar livremente sobre a vida, o que é considerado algo importantíssimo para a formação humana, desde a tenra idade. A miolagem compreende a criança como um sujeito produtor de cultura, protagonista do processo da ação educativa em que abandona o conceito epistêmico eurocêntrico “daquela que não fala”. Assim, a criança diz sobre sua história, anseios e construção de mundo.

A inserção do debate sobre a questão étnico-racial como parte integrante do trabalho pedagógico na Educação Infantil é vital para o desenvolvimento pleno das crianças e no enfrentamento ao racismo. A professora Eliane Cavalleiro (2000) enfatiza, a partir de suas experiências com crianças de quatro a seis anos de idade, que nessa faixa etária, as crianças negras, naquele contexto, já apresentavam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem. Essa pesquisa de Cavalleiro (2000) elucida a urgência da temática das relações étnico-raciais constituírem as práticas pedagógicas com as crianças na primeira etapa da educação básica.

Assim sendo, é na primeiríssima infância que devemos iniciar a educação antirracista. A literatura infantil com temática da cultura africana e afro-brasileira tem sido uma poderosa aliada para promover a confluência existente entre Brasil e África, e, mais especificamente, Cariri e África, uma vez que um dos princípios das ações é seguir com pé no chão, no terreiro, no reconhecimento do lugar, do território onde as crianças estão inseridas. Temos visto que muitas das pesquisas

no campo da história da infância geralmente não tratam sobre o registro de crianças territorializadas, e que por não possuírem visibilidade social, cultural e política, muito dificilmente têm seu protagonismo registrado e valorizado (Guimarães, 2023).

2. METODOLOGIA

A ideia de realizar este projeto advém de nosso interesse em propiciar vivências de potencialização da autoestima de crianças negras e de enfrentamento ao racismo a partir da primeira infância. O Projeto foi realizado no Centro de Educação Infantil CEI Ailza Gonçalves Felício, localizado no bairro Pantanal do Crato, Ceará. A instituição acolhe 132 crianças na faixa etária de 2 e 5 anos, atendidas em oito turmas, nos turnos da manhã e da tarde. A escolha desta instituição decorreu do fato de que o CEI atende crianças que residem nas proximidades do bairro Pantanal e dos bairros vizinhos (Caixa d'água, Sossego, Pimenta, dentre outros), onde residem famílias de maioria negra, em situação de vulnerabilidade social e, ao mesmo tempo, muito carentes, menos suscetíveis ao oferecimento de propostas educacionais afrorreferenciadas.

Para uma primeira experiência, optamos por oferecer a intervenção pedagógica em uma turma da pré-escola, com crianças na faixa etária entre quatro e cinco anos, com projeções para as demais turmas, partindo da creche, com as crianças de dois anos de idade. Outrossim, as professoras, cuidadoras e outros funcionários da escola também foram agraciadas com as ações efetivadas na turma.

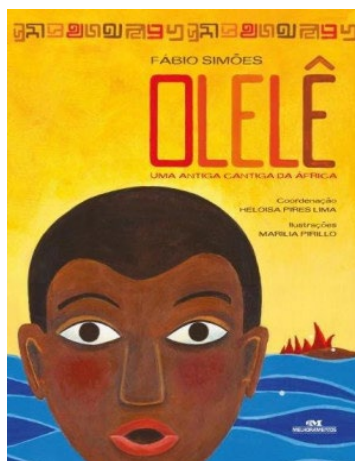
As ações realizadas foram : i) Mediação de leituras e contações de histórias pretas; ii) escuta das crianças, a partir da miolagem; iii) Vivência dos valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros. As vivências ou experiências, possibilitadas por essas ações, chegavam para as crianças como algo muito novo, sendo possível perceber pelas reações, pelos gestos faciais, sussurros entre colegas, ou nas falas, que sempre eram oportunizadas à escuta, uma vez que a metodologia utilizada possibilita que as crianças vivenciem o princípio ancestral da oralidade, do poder falar.

As crianças construíram suas narrativas, oralidades e histórias a partir do momento em que veem previamente o que será ofertado, compartilhado com elas. A organização do espaço, os objetos e elementos que consolidam-se enquanto recursos materiais para o desenvolvimento da ação, da vivência já possibilita emoções, aguça o imaginário infantil e as convida a “curiar”, e, em especial, a questionar: “tio, essa cabacinha aqui é pra quê?”; “oh tio, a gente vai tocar música é?”, e outros a partir de outras experiências. Ao ver alguns objetos, dizem para outros colegas: “eu acho que o tio vai contar uma história!”.

Nessa empreitada, utilizamos os seguintes materiais: dois livros de literatura infantil tematizando a cultura africana e afro-brasileira, tecidos de estamparia africana, capulanas, djembe, cabaças, bonecos e bonecas negras, caixa de som para ajudar nas cantigas afro-brasileiras. A seleção dos livros partiu de uma análise cuidadosa das narrativas, dos enredos, das imagens e da estética que seriam apresentados às crianças que, comumente, parecem não acessar algo parecido na escola e fora dela, de modo que, nessas obras, alcançássemos a proposta pensada nos objetivos do projeto, a saber: *promover de forma positiva com a valorização da negritude e dos valores civilizatórios africanos na educação infantil, de forma a contribuir para a implementação da lei Nº 10.639/03, que trata da obrigatoriedade da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar.*

Logo, selecionamos um livro de autoria de Fábio Simões (2015), “Olelê uma antiga cantiga da África”, que conta a história da cantiga *Olelê, Moliba Makasí*, na língua lingala, tradicional entre o povo que habita as margens do Rio Cassai, localizado na atual República Democrática do Congo, na África. Fábio Simões, autor da obra, é um músico carioca, pesquisador e artesão de instrumentos musicais africanos e afro-brasileiros. O trabalho com a obra nos possibilitou apresentar o continente africano, a sua diversidade cultural, e conhecer, em especial, a comunidade que vive às margens do Rio Cassai. Também vivenciamos o contato com uma música em língua africana, a *kinshasa*.

Figura 1 – Capa do Livro “Olelê uma antiga cantiga da África”



Fonte: Imagem extraída do site da Editora Melhoramentos (2024)

Em seguida, foi selecionado um livro fundamental para se trabalhar com as crianças as questões voltadas à autoestima, estética e beleza negra. A narrativa desse livro escrito por Kiusam de Oliveira, que é uma grande escritora de literatura

preta para o público infanto juvenil, apresenta ao leitor a valorização aos mais velhos, o reconhecimento e a valorização das diversidades, e, assim como o livro anterior, também imprime valores civilizatórios afro-brasileiros em sua narrativa. Em seu título, o livro já inicia com uma pergunta que mexe com a imaginação das crianças, “Com qual penteado eu vou?”, provocando o interesse e curiosidade sobre tal pergunta e o que a história iria apresentar. Além da ilustração que, de forma positiva, explora aspectos estéticos dos personagens negros e negras, nessa tendência, o texto escrito por Kiusam demarca a valorização identitária e a origem de nomes africanos dos personagens.

Figura 2 – Capa do livro “Com qual Penteado eu vou?”



Fonte: Extraída do site “Loja Ciranda” (2024)

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 LEITURA E CONTAÇÃO DO LIVRO “OLELÊ: UMA ANTIGA CANTIGA DA ÁFRICA”

A narrativa traz a participação das crianças na centralidade da história, são protagonistas. Juntos, meninos e meninas, sozinhos, deverão atravessar o Rio Cassai. O autor elucida que é um momento de grande importância e de coragem: “São as cheias dos rios que alagam a vida dos moradores [...]. É chegada a hora de cantar uma antiga canção às crianças” (SIMÕES, 2015, p. 6). Esse é o momento onde nasce a cantiga, na travessia coletiva. Ainda é possível identificar no enredo desse livro, que convoca as crianças a construção de um imaginário positivo sobre a África, alguns dos valores civilizatórios afro-brasileiros, sistematizados pela professora Azoilda Loretto Trindade (2010), que, ao nos apresentar esses valores, afirma que:

Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou de certas formas, afrodescendentes. [...]. A África e seus descendentes imprimiram e imprimem no Brasil valores civilizatórios, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural. (Trindade, 2010, p. 131-132).

A **musicalidade** é um destes valores apontados por Trindade (2010), que está ao longo da narrativa da história e que, ao ser contada, precisa ser enfatizada, seja pela oralidade, ou pelos sons de instrumentos de origem africana, a exemplo do Djembe, utilizado durante a contação acompanhado da oralidade. As crianças, apesar da língua não ser de nenhuma familiaridade, logo conseguiram aprender e começaram a entoar a cantiga.

Olelê, olelê Moliba Makasi
Olelê, olelê moliba makasi
Mboka naye, mboka
Mboka, mboka u cassai
Mboka, mboka u cassai (bis)
Luka, luka
Eeo, eeo
Benguela aya (bis)
Benguela a oya
Yakara a oya
Konguiga a oya oya (bis)
Olelê, olelê Moliba Makasi
Olelê, olelê moliba makasi

Foto 1 – Momento com as crianças



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Nas sociedades africanas tradicionais, a musicalidade marca o cotidiano e todos os momentos da existência dos grupos, transmitidos, muitas vezes, de geração em geração, por meio da oralidade (Trindade, 2010; Lopes, 2011). As crianças conseguiram compreender, mesmo que em um curto espaço de tempo, qual a importância da musicalidade no lugar onde a história acontecia.

Outro valor civilizatório afro-brasileiro que enfatizamos - de tantos outros que se firmam na narrativa desta obra do Fábio Simões - é a **ancestralidade**, que, para as populações africanas e afrodescendentes, ocupa um lugar importante na preservação de memórias e de saberes para se viver bem. Nesse sentido, a figura do Kala (representado nas imagens por um senhor negro de cabelos e barba branca que organiza as crianças em circularidade para ensinar a canção) na história, como aquele que repassa todos os conhecimentos aos mais novos, é o que ensina a cantiga às crianças. “A palavra de um Kala é mais valiosa que ouro ou prata [...] Não há quem não saiba que prestar atenção é o jeito mais rápido de aprender” (Simões, 2015, p. 10). Nesse momento, a ênfase recai sobre o respeito aos mais velhos, a quem veio antes, muito oportuno no processo formativo infantil.

Por meio deste livro, pudemos potencializar saberes do próprio território cariense, que conflui com o continente africano, como as manifestações culturais de matriz africana, a exemplo do Reisado, Maracatus, Coco das Mulheres da Batateiras, Coco de Maria de Tiê, entre outros. Todos esses saberes podem se tornar práticas pedagógicas junto às crianças da Educação Infantil, ampliando as possibilidades de trabalhos junto aos campos de experiências da Base Nacional Comum Curricular - BNCC para a Educação Infantil (Brasil, 2018).

Ao mergulharem no mundo da imaginação e criação que a narrativa do livro apresenta, junto às interações que buscava dialogar com a realidade das crianças possibilitadas pela miolagem, trago algumas reações que se constituem ao intuito das ações realizadas junto às crianças da escola: “tio, essas crianças aí sentada no chão, tá parecendo nós né!?”, diz uma das crianças ao visualizar a imagem em que as crianças sentam em roda para ouvir o Kala; “lá onde vó mora tem um ri

também”, uma criança fala sobre o rio. “*Essa música é tão boa, tio deixa eu tocar um poquin o tambor*”, as crianças se envolvem com o ritmo da música e com os toques de tambor, que naquele momento eu produzia. “*Tio, esse vein parece um com vô, mainha disse uma vez que vô também contava história tio*”, as crianças conseguem fazer um reconhecimento das características dos personagens que se encontram aos seus parentes, em especial na fala das crianças negras, como o relato desta criança.

4.2 LEITURA E CONTAÇÃO DO LIVRO COM QUAL PENTEADO EU VOU?

A história que inicia fazendo referência ao mais velho “Seu Benedito”, enfatiza o cuidado e o respeito aos/às mais velhos/as e a troca de sabedoria com os/as mais novos/as. As crianças trouxeram ao momento da contação de história, memórias afetivas da relação com o avô, a avó, a bisavó, o bisavô e outras pessoas mais velhas a quem lembraram com carinho ao ouvir a história do “Centenário” do “Seu Benedito”.

Os diversos tipos de cabelos apresentados nas imagens do livro, todos penteados negros, animavam as crianças e em especial as meninas negras, algumas diziam: “*que cabelo lindo, queria fazer desse jeito no meu*”. Os meninos viram, nas imagens, crianças que se pareciam com eles, ou com o irmão, ou com o próprio contador, quando diziam “*tio, olha esse menino aqui está com o cabelo igual o seu*” e outros respondiam “*é mermo, até o nariz rsrs*”, e a cada cabelo diferente que aparecia nas páginas do livro, era um sentimento diferente. Foi possível perceber nos olhares e nas falas de algumas crianças o sentimento de auto-reconhecimento a partir das imagens do livro.

Apesar dessa literatura não ser comum ao cotidiano escolar ou familiar daquelas crianças, elas não tiveram dificuldades de se reconhecer nas imagens a partir das características dos personagens do livro - o que é um dos propósitos quando optamos cuidadosamente por uma literatura preta, de temática africana e afro-brasileira, que as crianças se reconheçam positivamente. Obviamente, não queremos aqui afirmar que essas crianças já compreendem sua negritude, ou se afirmem como negras. A questão é outra, é de elucidar que o acesso à literatura infantil de temática africana e afro-brasileira possibilita a potencialização da autoestima e amplia as noções sobre identidade negra.

Esse livro, em especial, é um recurso pedagógico importante para a efetivação do cuidado e da valorização da autoestima de crianças negras, sobretudo, a partir do cuidado com o cabelo que é um marcador da nossa negritude. Mas, infelizmente, quando não se tem a presença de uma literatura como esta na vida da criança, o

racismo encontra lugar para promover violências que impactam negativamente na autoestima das crianças.

Não obstante a importância da literatura afroreferenciada, de temática africana e afro-brasileira, verificamos que a biblioteca da escola não usufruía de um acervo de literatura infantil preta, ainda com um acervo muito restrito à biblioteca eurocentrada, colonial. Partimos do entendimento de que a temática das relações étnico-raciais nas práticas da Educação Infantil com bebês e crianças pequenas precisa avançar, buscando por meio das ações realizadas na escola elucidar a importância desse tema para o cumprimento da lei nº 10.639/03, tendo como lugar importante o investimento na formação continuada dos profissionais que atuam na educação.

4. CONCLUSÃO

Essa experiência com a extensão a partir deste projeto aponta caminhos possíveis à implementação da lei nº 10.639/03 na primeira etapa da educação básica. A experiência elucidou que a literatura de temática africana e afro-brasileira parece não fazer parte da vida escolar das crianças daquela turma, sujeitas apenas às narrativas de histórias únicas que, segundo Chimamanda Adiche (2019), são aquelas histórias que se constituem a partir do fortalecimento de estereótipos, que não considera as potencialidades dos povos e de lugar ao qual está se referindo. Adichie enfatiza as histórias contadas sobre a África. Ao expressar os perigos da história única, ela ressalta também o poder das histórias: “Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar”.

Isso posto, a literatura infantil afroreferenciada torna-se uma potente aliada na luta contra o racismo, o que evidenciamos neste trabalho, levando às crianças simbologias e entedimento de mundo ancestrais. Enfatizamos que o trabalho realizado ocupa um lugar significativo no trato da Educação para as Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil, assim como, no acesso ao conhecimento sobre o continente africano e da conexão do Cariri com a África, a partir de narrativas negras e não eurocêntricas, que, por fim, corrobora para a construção de uma identidade negra positiva, rumo à uma educação antirracista na educação infantil.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única.** Por dentro da África, [s. l.], 3 set. 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 out. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 22 out. 2024.

BRASIL. Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 8, p. 1, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 22 out. 2024.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 6ª ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2000.

EDWARDS, GANDINI e FORMAN. **As cem linguagens da criança: a abordagem de reggio emilia na educação da primeira infância.** Porto alegre: artmed, 1999.

GUIMARÃES, Jacqueline Tatiane da Silva. A história das infâncias negras: descolonizando os direitos de crianças da Amazônia. **Revista de Educação Interterritórios.** v.9, nº 18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interterritorios/article/view/258997>. Acesso em: 24 out. 2024.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Com qual penteado eu vou?.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia** – escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SILVA, João Paulo Ferreira da; SILVA, Lucas Santos da; CHAGAS, Waldeci Ferreira. Narrativa negra no filme brasileiro e no currículo escolar. **Revista África e Africanidades**. Ano XVII. n. 54 – out. 2025. Jan, 2026.

SIMÕES, F. **Olelê: uma antiga cantiga da África**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015.

TRINDADE, A. L. **Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira**. In: BRANDÃO, A. P.; TRINDADE, A. L. (org.). Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. v. 5. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.